



## EDUCAÇÃO FÍSICA: SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E ESCOLA- ALGUMAS APROXIMAÇÕES MARXIANAS.

Pitias Alves Lobo<sup>1</sup>

**Resumo:** *A tentativa do ensaio é provocar alguns nexos entre o sistema totalizador do capital, Estado, Escola e Educação Física, tentando identificar seus princípios orientadores, baseados em teses provindas de Marx e orientações de teóricos dessa vertente que discutem a centralidade do trabalho e a educação omnilateral.*

**Palavras-chave:** *Capitalismo, Estado, Educação, Escola, Educação Física.*

### 1. A Totalização do Sistema Capital: um caminho sem retorno.

As orientações teóricas a serem empregadas nesse momento, direcionam seu olhar em uma perspectiva advinda do movimento histórico do sistema do capital em seus entrelaçamentos mais rigorosos.

A forma histórica atual materializa uma rede dependente de intercâmbios comerciais, onde a área central administrativa desse metabolismo coloca a América do Norte no cerne das crises cíclicas do capitalismo. Mézáros (2006) discute que na essência das formulações teóricas liberais e na constatação da equivalência do capitalismo com crise estrutural e cíclica. E nesta, a sua condição de continuidade necessita da expansão, que exauri ao máximo as forças produtivas e dentre elas; os recursos naturais; um fenômeno não atual de depredação ecológica e conspiração contra a sustentabilidade da vida. Nessa perspectiva, o objetivo expansionista do capital segue a passos largos a totalização que submete inclusive as taxas de lucro, em sua maior ou menor rentabilidade conforme às personificações capitais de acumulação e dominação assim “determinarem”, como se fosse possível o controle e/ou equilíbrio das crises periódicas.

Ao contrário, o sistema do capital é, na realidade, o primeiro na história que se constitui como totalizador irrecusável e irresistível, não importa quão repressiva tenha de ser a imposição de sua função totalizadora em qualquer momento e em qualquer lugar em que encontre resistência.

...Contudo, o preço a ser pago por esse incomensurável dinamismo totalizador é, paradoxalmente, a *perda de controle* sobre os processos de tomada e decisão. Isto não se aplica apenas aos trabalhadores, em cujo caso a perda de controle-seja no emprego remunerado ou fora dele- é bastante óbvia...,mas até aos capitalistas mais ricos, pois, não importa quantas ações controladoras eles possuam na companhia ou nas companhias de que legalmente são donos como indivíduos particulares, seu poder de controle no conjunto do sistema capital é absolutamente insignificante. Eles têm de obedecer aos imperativos objetivos de todo o sistema, exatamente como todos os

---

<sup>1</sup> Professor do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás e Mestre em Educação pela UFG.



outros, ou sofrer as conseqüências e perder o negócio. (MÉSZÁROS, 2006. pgs. 97-98).

A tragédia anunciada pela veracidade da hecatombe anti-ecológica, pela superexploração da força de trabalho e a consonância da redução do tempo do valor de uso das mercadorias, promovem uma expansão incontável para o próprio capital. A atuação estatal e a intervenção para salvar os conglomerados econômicos internacionais das seguidas crises cada vez mais curtas é uma constatação fatídica da relação capital, trabalho e Estado. Os empréstimos colossais aos agentes econômicos mundiais como bancos e agências financeiras para “salvar” do colapso o incontável, são exemplos óbvios na lógica da concorrência para acumular e expandir- princípios intrínsecos do capital.

... o Estado moderno imensamente poderoso- e igualmente totalizador –e se ergue sobre a base deste metabolismo socioeconômico que a tudo engole, e o *complementa* da forma indispensável (e não apenas servindo-o) em alguns aspectos essenciais. (MÉSZÁROS, 2006. pg. 98).

A continuidade do sistema do capital só apresenta possibilidades de “êxito” se houver intervenção acentuada do aparelho estatal e as mediações de segunda ordem, dentre elas, a família, a escola, os meios de comunicação de massa, o esporte e outros. A aproximação do pensamento de Mézszáros com as teses gramscianas, sobre a consolidação da hegemonia e a direção cultural da sociedade apresenta similar importância nos processos educativos que percorrem a sociedade.

As unidades econômicas como a família perdeu completamente sua capacidade de autonomia produtiva, desde o declínio do sistema feudal, a totalização do sistema capital submete globalmente a intercâmbios necessários e cada vez mais rápidos de comprar e desusar, para novamente retroalimentar o consumismo.

O capital produtivo assume seu importante papel na consumação da circulação e consumo das mercadorias, extraindo da maneira mais eficiente já desenvolvida pela história a força de trabalho, que cada vez mais, assume sua centralidade na manutenção do sistema do capital.

Ao se livrar das restrições subjetivas e objetivas da auto-suficiência, o capital se transforma no mais dinâmico e mais competente *extrator do trabalho excedente em toda a história*. Além do mais, as restrições subjetivas e objetivas da auto- suficiência são eliminadas de uma forma inteiramente reificadas, com todas as mistificações inerentes à noção de “trabalho livre contratual”. Ao contrário da escravidão e da servidão, esta noção aparentemente absolve o capital do peso da dominação forçada, já que a “escravidão assalariada” é *internalizada* pelos sujeitos trabalhadores e não tem de ser imposta a constantemente reimposta *externamente* a eles sob a forma de dominação política, a não ser em situações de grave crise. (MÉSZÁROS, 2006. pg. 102).

Mais uma vez, o Estado assume sua parcela significativa da correção imperativa e administrativa dos antagonismos estruturais na esfera da produção e consumo. As classes sociais *aparentemente* ficam subsumidas a tese da “cooperação” reforçada pelo ideário social democrata. A conciliação de classe assume suas feições deteriorantes, e por assim



dizer, pelo viés do reforço dos sindicatos e representações trabalhadoras-a linha da menor resistência prevalece (MÉSZÁROS, 2006).

Os impactos nessa ordem à produção da existência material trazem um padrão de exploração que aos países periféricos se torna máxima na geopolítica da expansão do capital. A extração da mais valia em sua forma absoluta e relativa materializa um capital produtivo tendenciosamente voltado para o desperdício. A diminuição do tempo do valor de uso das mercadorias expõe a necessidade do capital de criar e gerar novas necessidades para o *bem da expansão e acumulação*, negando ao homem a capacidade de controle da produção coletiva para sua auto-realização (MARX, 2003). A tese dialética da articulação da infraestrutura societária com a superestrutura é por demais-atual, sobretudo, no entendimento da práxis humana enquanto ação transformadora. Nessa direção são colocados desafios educacionais de prioridade ética, que posteriormente, veremos, pelo viés da Escola são organizados: conteúdos, valores, pensares e ritos à influenciar o homem moderno.

...a ética é uma parte, um momento da práxis humana em seu conjunto. Cabe aqui, como no caso da estética, romper com a pretensa autonomia, sustentada pela filosofia burguesa, das diversas posições que o homem assume em relação à realidade em seus vários domínios. A filosofia burguesa isola a ética do conjunto da práxis humana, o que provoca, por exemplo, uma falsa oposição entre moralidade e legalidade; isola a ética do conhecimento humana, abrindo a via ao pântano do irracionalismo (ética existencialista). (LUKÁCS, 2007. pg. 72).

A objetivação da consciência se desenvolve a partir de uma atividade social, de troca, de cooperação ontológica, expressada não de forma mecânica, mas dialética sem haver uma prioridade do econômico sobre o sujeito. Porém, há uma pressuposição *sempre, no plano do ser*, “o processo da reprodução econômica que toda a superestrutura é impensável sem economia..”. (LUKÁCS, 1971. pg. 155). Nessas considerações não há uma hierarquização da infraestrutura sobre a superestrutura, mas uma composição com o ser econômico.

No momento histórico desenvolvido, a dominação pressupondo o Estado, um ente coletivo coercitivo, que assume pelo viés de seus aparelhos ideológicos uma direta atuação na formação da consciência, e uma das instâncias a serem conservadas e emblematicamente acionadas é a Escola, nela encontra-se a apreensão de várias linguagens, valores e ritos que irão reproduzir e/ou transformar a práxis humana. Nesse entendimento, a necessária abordagem teórico-histórica deste espaço educativo só pode ser organizada se considerarmos a totalidade de envolvimento do geral e particular, daquilo que foi, é e tende a ser, dentro de determinada atividade social, no processo de luta de classes a buscarem sua hegemonização cultural e por isso, política.

Os nexos intrínsecos da atividade ontológica humana- trabalho, com a ação cultural inerente aos ambientes sociais e que conferem trocas de saberes, competências, técnicas e outras formas de socialização aos homens- educação e o espaço atualmente predominante de sistematização do conhecimento elaborado – a Escola, consolidam pistas de nossa análise em diante.



Apoiamos nossa pequena síntese na possibilidade de entendermos a educação e a formação omnilateral<sup>2</sup> enquanto pressuposto marxiano de transformação social, por essa perspectiva o trabalho intelectual em oposição ao manual gera um desatino teórico-conceitual. Tentaremos, no entanto mostrar isso no prosseguimento do artigo.

## **2. Educação, Trabalho e Escola.**

Ao relacionarmos a educação, trabalho e escola e a maneira como os seres humanos produzem essas interconexões é necessário apontar algumas reflexões:

...o homem necessita produzir continuamente sua própria existência. Para tanto, em lugar de se adaptar à natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la. E isto é feito pelo trabalho. E o trabalho se instaura a partir do momento em que seu agente antecipa mentalmente a finalidade da ação... Para sobreviver o homem necessitam extrair da natureza, ativa intencionalmente, os meios de sua subsistência. Ao fazer isso ele inicia o processo de transformação da natureza, criando um mundo humano. (o mundo da cultura). (SAVIANI, 1995, pg. 19).

Os apontamentos abordados pelo autor, nos remetem ao entendimento marxiano da natureza humana relacionada à sua capacidade de produzir trabalho, e mais, de pensar a sua prática antes de materializá-la na forma de ação, construindo, assim, o mundo da cultura, expresso em significados e sentidos que condicionam/ determinam comportamentos e atitudes contidas nas relações sociais de uma época histórica no intuito de perpetuar sua existência material.

Tal constatação indica o trabalho, na forma primeira de ato humanizador; a sociabilidade, enquanto capacidade de organização em sociedade; a universalidade, como homens englobados em uma totalidade; a consciência, do uso da razão de suas ações no mundo e a liberdade, expressão de potencialidade de criar e recriar suas próprias condições de existência articulada à esfera política, que é a possibilidade histórica de emancipação societária da pré-história dos homens (MARX, 2003).

Nesta última constatação as elucidações gramscianas da liberdade, indicam que são possibilidades nessa mesma realidade sócio- histórico de mudança ou não, da etapa histórica que nos encontramos (GRAMSCI, 2004).

A educação, portanto pode ser entendida, seguindo as idéias adotadas, como forma de humanizar, ou tornar humano os homens, não sendo indiferente às atuações em situações concretas. Surge então, no desenvolvimento histórico das formas que a criaram, a instituição- Escola.

A instituição escolar e sua forma de organização vigorante até nossos dias têm, desde sua gênese, uma influência marcadamente fundamentada no processo de produção com a ascensão do sistema capitalista de produção e domínio.

Para Aranha (1996) no século XVII, persiste as contradições da ruptura do sistema feudal de produção, via processo direcionado pelo mercantilismo, o que vai possibilitar a ascensão do sistema capitalista, este por sua vez, necessita de uma aparato

---

<sup>2</sup> A perspectiva marxiana de formação omnilateral rompe com a fragmentação clássica da filosofia burguesa – educação para aqueles que pensam e outra para aqueles que fazem, herdado da divisão social e técnica do trabalho no capitalismo, a ruptura com unilateralidade abre possibilidades da plena realização com a totalidade do desenvolvimento das capacidades humanas, segundo suas necessidades.



material e imaterial para a consolidação da apropriação privada dos meios de produção (um deles será a escola), de forma a torná-la agência de formação do “homem” necessário a consolidação de valores, condutas, pensares e atitudes que o levem a afirmação dos valores burgueses: o lucro- a reificação do capital sobre o trabalho, o acúmulo- a expansão imperialista e a apropriação cada vez mais privada e individualista dos bens materiais e culturais produzidos pelo homem.

Antes da dita escolarização, a aprendizagem ocorria diretamente no e com o mundo do trabalho adulto, isto quer dizer que as formas de relações ocorriam em sua prevaência; direto com a população de diferentes idades, sem hierarquias e seriações constituídas para nivelar o aprendizado das crianças. Neste instante o novo modelo educacional adotado pelas elites dominantes já no período moderno, cria formas de controlar, dominar e fiscalizar, afim de, tornarem os homens mais eficientes, eficazes e produtivos nos meios de produção (fábrica e campo), além de, rigorosamente esquadrihados pela burguesia-classe empreendedora.

Ao tocarmos neste ponto, os princípios da educação traçados pelo pensamento iluminista na Revolução Francesa se distanciaram, de fato da prática social<sup>3</sup>, constatação essa encontrada inicialmente em MARX (2003). Assim, essa contradição é de fundamental importância ao entendimento da construção da escola no capitalismo, onde os princípios e a prática concreta dos homens se separaram pela dominância de uma classe sobre a outra.

A Escola, portanto, torna-se espaço com características e normatizações/regras, vinculado à lógica do trabalho alienante, onde o produto se separa de seu produtor, fragmentando todo o processo de apreensão e conscientização da natureza material e imaterial do trabalho social contido na produção da existência dos homens. Neste ponto, a lógica das seriações articulada com a meritocracia traçam um perfil de homem a ser “empreendido” nos parâmetro da “Qualidade Total”<sup>4</sup>, que em hipótese alguma respondem as necessidades reais/ culturais de uma formação omnilateral.

A formação calcada no princípio supracitado envolve-se opositoramente, a um projeto societário de superação da divisão do trabalho, do distanciamento dos produtores materiais de seus produtos e na afirmação da socialização e controle da produção coletiva por homens livres em livres associações (MARX, 2003). Por isso, a articulação, como Marx chamava a atenção, no mundo do trabalho, com o trabalho manual e a ginástica terão seus espaços no ensino público e gratuito, com a necessária abolição do trabalho infantil da época (MANACORDA, 2007).

É nesse ponto que gostaríamos de salientar alguns ensaios críticos, de maneira a entender a articulação da formação intelectual, tecnológica e corporal, considerando Marx, um homem de seu tempo e por isso, imerso a seu momento histórico. Porém, ao considerar na vanguarda do pensamento pedagógico, os processos educativos que envolvem o “corpo”, elucida apropriações de sua omnilateralidade e irrestrita contribuição ao espaço escolar.

---

<sup>3</sup> Na análise da história da luta de classes os princípios da revolução política irradiada pela França no Século XVIII, trazem a sustentação do liberalismo como bandeira da nova forma social, nesta contradição da igualdade política com desigualdade econômica o: individualismo, a propriedade privada, o igualitarismo (como igualdade de oportunidades) serão valores a serem promulgados e ensinados na escola.

<sup>4</sup> Termo comumente usado nos marcos do “neoliberalismo”, porém, traduz a vinculação clássica com a terminologia liberal em seus princípios, de produzir, circular, consumir e desenvolver a rentabilidade do sistema do capital, ou do mundo das coisas em Marx.



### 3. Educação Física- os apontamentos marxianos de sua contribuição:

Faremos uso do material de análise trazido por Manacorda em seus apontamentos sobre; a pedagogia moderna e o pensamento marxiano.

Marx em seus postulados jamais concebeu a fragmentação e a divisão social do trabalho como apontamentos para o novo homem. A filosofia burguesa ao alienar o produto de seu produtor, condiciona, predominantemente um modo de vida. O corpo e suas objetivações enquanto práticas corporais, também, irão sofrer significados e sentidos circunscritos nessas considerações.

Para o emergente modo de produção capitalista do século XVIII e XIX, a perspectiva de desenvolvimento da eficiência, eficácia e produtividade recaem no corpo e em seu condicionamento para essa objetivação, portanto, a sistematização, a racionalização e a cientificização dos exercícios físicos, saem da esfera do cotidiano burguês da classe dominante e se enraíza, para a formação histórica do “homem” forte, robusto e hábil, da classe trabalhadora, fundamental e central no processo de produção do capital. A força de trabalho nesta conjuntura sofrerá as ações necessárias à sua preparação nas fábricas e aonde houver processo de valorização de valor. É neste momento que o papel da ginástica como componente dos emergentes sistemas nacionais de ensino na sociedade burguesa (TAFFAREL et ali, 1993) justificará a presença na escola.

O momento inicial de sua materialização; os exercícios físicos na forma ginástica apresentaram práticas higienistas para adequação de habitus ao novo homem, a ser objetivado: disciplinado, hábil e robusto para o trabalho produtivo.

...o médico higienista, tem um papel destacado. Esse profissional passa a ser um personagem quase indispensável, porque exerce uma “autoridade” perante um conhecimento de ordem biológica por ele dominado. Esse conhecimento vai orientar a função a ser desempenhada pela Educação Física na escola: desenvolver a aptidão física dos indivíduos. (TAFFAREL et ali, 1993, pg. 53).

Os métodos ginásticos<sup>5</sup> no uso dos conhecimentos biologicistas, traziam ao corpo físico o esquadramento higiênico elaborado nos centros urbanos, o corpo social sob impacto de políticas higiênicas configurava um novo modo de vir a ser do homem dentro do sistema capitalista, ou seja, a aptidão física necessária à produção de mercadorias iria inversamente promover a dicotomia corpo e mente na divisão social do trabalho.

É nessa conjuntura que Marx contribui opositoramente a tese da formação unilateral e dicotômica do ser. Porém, em Engels encontraremos na direção colocada a assertiva no tocante a educação comunista diante da abolição da propriedade privada:

...para desenvolver a indústria e a agricultura, não mais serão necessários homens subordinados a um só ramo da produção, que tenham desenvolvido apenas uma de suas aptidões, mas sim homens novos, que desenvolvam suas aptidões em todos os sentidos(...) Deste modo, a sociedade organizada pelo comunismo oferecerá aos seus

---

<sup>5</sup> Os métodos ginásticos desenvolvidos na época tinham como base a supracitada afirmação do corpo médico- higienista na sistematização da ginástica, sendo as primeiras formações providas das Escolas de Ginástica: alemã, austro- húngara, francesa e sueca que tinham como princípio- exercícios rígidos, divididos em séries, seguindo a orientações predominantemente positivistas de seus teóricos, como: A. Spiess, P.H. Ling, Amoros, P. Tisié e Dalcroze. (CASTELLANI,1988).



membros a oportunidade de aplicar, de forma onilateral, atitudes desenvolvidas onilateralmente. (ENGELS, 1959 apud MANACORDA, 2007 pg. 37).

Nessa direção a simples apreensão tecnológica no interior de uma fabrica por um operário, não significa autonomia do sujeito, mas apenas um domínio, uma automação de um elemento instrumental técnico dado à repetição de movimentos. As instruções de Marx aos delegados do I Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, em Genebra descrita por Manacorda sobre o desenvolvimento da educação escolar, objetivando a formação onilateral diz:

Por ensino entendemos três coisas:

Primeira: ensino intelectual;

Segunda: educação física, dada nas escolas e através de exercícios militares;

Terceira: adestramento tecnológico, que transmita os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção e que, ao mesmo tempo, introduza a criança e o adolescente no uso prático e na capacidade de manejar aos instrumentos elementares de todos os ofícios. (MARX, ENGELS. 1962,p. 192-5 apud MANACORDA, 2007, p. 44).

E ainda, nas considerações as cláusulas da legislação do ensino na Inglaterra:

Seu êxito demonstrou pela primeira vez a possibilidade e vincular o ensino e a ginástica com o trabalho manual e daí também o trabalho manual com o ensino e a ginástica...Do sistema de fábrica, como se pode verificar detalhadamente nos escritos de Robert Owen, nasceu o germe do ensino do futuro que unirá para todas as crianças além de uma certa idade o trabalho produtivo com o ensino e a ginástica, não apenas como método para aumentar a produção social, mas também como único método para produzir homens plenamente desenvolvidos. (MARX, ENGELS. 1962. apud MANACORDA, 2007,pg. 45)

Além dos princípios citados, considera importante ainda que dos 9 aos 17 anos de idade o programa de ensino tenha gradações progressivas respeitando os aspectos: intelectuais, físicos e tecnológicos, afim de, elevar com a educação politécnica o nível cultural da classe operária (MANACORDA, 2007). Marx pontuará também, posteriormente, diante dos dados da legislação inglesa das fábricas que pressupõe o ensino elementar, o desenvolvimento das teses do uso da ginástica e do ensino intelectual, articulada com o tecnológico como única possibilidade de educação plena dos homens.

Percebemos, no entanto, que Marx utiliza dois termos próximos, porém, conceitualmente distintos-Ginástica e Educação Física, o primeiro como exposto anteriormente, é uma sistematização de uma prática corporal, cuja herança maior são os métodos ginásticos: francês, austro- húngaro, alemão e sueco do século XVIII, cumprindo os objetivos mencionados de produção do “novo” homem para o capitalismo, ou seja, a calistenia era a referência de atividade corporal sistematizada ao ensino escolar da época.

Marx ao fazer menção do êxito do uso da ginástica nas fábricas inglesas, mesmo considerando, o aspecto da onilateralidade, estava incrustado nos marcos de seu tempo histórico.

Porém, ao citar o termo Educação Física nas *Instruções* para educação elementar e/ou básica de crianças e adolescentes, a nosso ver, desenvolveu uma superação no entendimento de ser ela uma prática social e por isso, a ser pedagogizada como área de



conhecimento que tematiza os elementos da cultura corporal e não somente, a melhora da aptidão física dos (as) educandos (as) na Escola.

A referência histórica da época pautado no paradigma da aptidão física pressupõe um padrão a ser atingido, tendo como ícones teóricos basilares, os posteriormente, desenvolvidos sistemas de produção, como o: fordismo e o taylorismo. Por isso, quem não alcança essa padronização de “rendimento” está excluído de sua prática – linha de produção dos homens aptos ao trabalho produtivo. Nessa consideração cabia a Marx em seu tempo histórico o limite do entendimento de ginástica possível na época. Porém, ao assinalar a importância da Educação Física no sistema educacional, põe à tona a superação da falsa dicotomia corpo e mente, sobretudo, dentro do princípio da omnilateralidade, na apreensão e desenvolvimento de todas as capacidades possíveis, articuladas com todas as necessidades inerentes a condição humana no pleno exercício do trabalho.

#### **4. Considerações Finais:**

A apreensão da totalidade humana com fins de emancipação, diante da divisão do trabalho no capitalismo e do advento da propriedade privada, percorre um cenário de crise cíclica do capital e a cada tentativa de responder a esse fato, são mais notórias as necessidades de superar essa condição humana de produção material, baseadas na extração do trabalho excedente, na acumulação e expansão do capital por uma quantidade cada vez mais reduzida de personificações capitais.

Nos princípios desenvolvidos, salientando: a participação do Estado na sustentação do modelo supracitado, a influência da Escola com toda sua rede de interesses que marca hegemonias de práticas educativas e a participação da Educação Física na tentativa de compreender o homem como síntese de múltiplas determinações (MARX, 2006) e por isso, torna-se uma área de conhecimento a ser preservada, ao tematizar os elementos da cultura corporal dentro de uma educação omnilateral, que visa o desenvolvimento do homem em sua plenitude.

A ausência da Educação Física na escola, desconectada do mundo do trabalho e/ou sua substituição de sua prática por outras fora do espaço escolar se torna uma negação ao desenvolvimento omnilateral.

Essas seriam algumas considerações a serem observadas e certas da necessidade de desenvolvermos a temática em questão em outro momento de análise teórica do assunto abordado.

#### **5. Referências Bibliográficas:**

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2ª ed. São Paulo. Editora Moderna, 1996.

CASTELLANI F, Lino. **Educação física no brasil: a história que não se conta**. São Paulo. Papirus, 1988.

ENGELS, Friedrich e MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. 6ª ed. Petrópolis-RJ. Editora Vozes, 1988.



**CONCOCE / CONDICE 2010**  
IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF  
**ISSN 2178-485X**



GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**, volume 2. 3ª ed. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2004.

LUKÁCS, György. **O jovem marx e outros escritos de filosofia**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2007.

\_\_\_\_\_. **Ontologia do ser social: a falsa e a verdadeira ontologia de hegel**. São Paulo. Editora Ciências Humanas, 1971.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas- SP. Editora Alínea, 2007.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 3ª ed. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2003.

MÈSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo. Editora Boitempo, 2006.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 30ª ed. Campinas- SP. Autores Associados, 1995.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke et ali. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo. Editora Cortez, 1993.